



PROFESSOR DE QUÊ?? O ENSINO DE FILOSOFIA ATRAVÉS DE PROJETOS CULTURAIS E SOCIAIS

Paulo Willame Araújo de Lima ¹
Erika Raianny Negreiros Rocha ²

Teacher of what?? Teaching philosophy through cultural and social projects

Resumo:

Aqui, a Filosofia, enquanto conhecimento milenar, não é meta. Ela é meio, é ponte, é caminho possível. Para quê? Para onde? Para uma compreensão de mundo diferenciada. Para uma transformação social... Ela - a "Filosofia" - sequer é uma só, mas sim uma possibilidade dentre muitas, conectáveis ou não. As filosofias não têm apenas um berço, quem dirá um só playground, uma só vertente ou mesmo uma só via de atuação profissional. Uma filosofia é uma chave para leitura, interpretação e transformação do mundo. É neste sentido que se objetiva aqui apresentar alguns dos inúmeros espaços formativos que partiram da filosofia contemporânea e decolonial para tomá-las como veredas rumo a outros mundos possíveis discutindo através da arte e da cultura, dentre outros temas: raça, etnia, gênero, sexualidade, deficiência e diversidades em geral. Nesta apresentação será exposta algumas das muitas ações formativas realizadas através da parceria entre os coletivos Kintal de Afetos e Transpassando, focando principalmente naquelas que contribuíram para formação de estagiários(as) durante o Estágio III da Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, através do Programa de Extensão Transpassando UECE. Ao final deste texto espera-se deixar nítido a impossibilidade de separar o conhecimento filosófico, com pureza e precisão, do mundo prático e político que está constantemente em disputa. O movimento, observa-se, portanto, é o de unir, misturar, interseccionar a discussão filosófica com as demandas cotidianas, ampliar o alcance da leitura de mundo e o interesse em transformar a realidade coletiva.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Arte-Educação. Acessibilidade. Diversidade. Transformação Social.

Abstract:

Here, the Philosophy, as ancient knowledge, is not a goal. It is a means, it is a bridge, it is a possible path. For what? Where? For a different understanding of the world. For a social transformation... It - "Philosophy" - is not even one, but rather one possibility among many, connectable or not. Philosophies do not have just one cradle, let alone a single playground, a single aspect or even a only way of professional action. A philosophy is a key to reading, interpreting and transforming the world. It is in this sense that the objective here is to present some of the countless training spaces that departed from contemporary and decolonial philosophy to take them as paths towards other discussing possible worlds through art and culture, among other topics: race, ethnicity, gender, sexuality, disability and diversity in general. This presentation will showcase some of the many training actions carried out through the partnership between the collectives Kintal de Afetos and Transpassando, focusing mainly on those who contributed to the training of interns during Stage III of the Degree in Philosophy at the Universidade Estadual do Ceará - UECE, through the Transpassando UECE Extension Program. At the end of this paper, we hope to make clear the impossibility of separating philosophical knowledge, with purity and precision, from the practical and political world that is constantly in dispute. The movement, therefore, is to unite, mix, intersect philosophical discussion with everyday demands, expand the scope of reading the world and the interest in transforming collective reality.

KEYWORDS: *Teaching Philosophy. Art education. Accessibility. Diversity. Social transformation.*

1. Doutorando em Filosofia (na linha de Subjetividade, Arte e Cultura, pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP) .Arte-educador no Coletivo Kintal de Afetos e Professor de Filosofia na SEDUC-CE, CREDE 9, paulow.fin@gmail.com.

2. Mestranda em Filosofia (na linha de Ética e Política, pela Universidade Federal do Ceará - UFC). Arte educadora e Audiodescritora no Coletivo Kintal de Afetos - CKA. erikanegreirosr04@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A Filosofia tem o potencial de se articular com outras disciplinas para aprimorar debates e práticas sociais. Toda e qualquer tentativa de se fazer uma "Filosofia Pura", sem relação com a prática, com a vida pública, já é por si um objetivo de determinado projeto político-filosófico. Não existe "a" filosofia. Existe "uma" filosofia: aquela legitimada pela ideologia vigente de uma época. É o que nos lembra o filósofo francês, burguês e escritor Jean-Paul Sartre, em seu texto "Questão de método", com um olhar estrábico que perpassa pela filosofia marxista e pelos dilemas da segunda metade do século XX, como por exemplo, o mundo do trabalho, as relações multiculturais, os movimentos sociais, dentre outros.

O que não pode passar em branco (expressão significativa que traz um campo semântico interessante ao referir-se ao "branco" como insuficiente, incompleto, desatento), o que é preciso dizer e deixar em negrito (outra expressão boa que em seu campo semântico diz que "negro" é lugar de destaque, de importância, de relevância, de visibilidade) é que paralelo ou complementar a esta filosofia vigente existem inúmeras filosofias, cosmovisões e construções ético-políticas fora da tradição (geralmente sem deficiência, ocidental, europeia, branca, cristã, magra, cisgênera, heterossexual). Começamos aqui com Sartre não porque ele seja um filósofo da tradição europeia, branca e burguesa: o que primeiro legitima a presença de Sartre aqui é sua condição existencial de escritor literário, de não hétero, de pessoa com deficiência visual, de crítico do sistema predatório que a cultura e a economia burguesa sustentaram em seu tempo (e sustenta ainda hoje).

Este texto diz respeito à publicização da experiência formativa do curso "Arte, Educação e Acessibilidade" oferecido pelo Programa de Extensão Transpassando UECE, em parceria com o Coletivo *Kintal de Afetos*. O objetivo deste trabalho, em seu desenvolvimento, é o de unir/misturar, interseccionar, tensionar a discussão filosófica com demandas cotidianas, ampliando o alcance da leitura de mundo e o acesso

a tecnologias assistivas e decoloniais de percepção e de convivência.

PROFESSOR DE QUÊ?

O que significa ser professor de filosofia? Qual é a relevância ou importância do ensino de filosofia para transformação social? Diante um cenário em que a disciplina de filosofia perde sua credibilidade e obrigatoriedade nos currículos da educação básica, a temática sobre a importância ou para quê serve a filosofia foi levantada e discutida em demasia³. Obviamente essa discussão tem sua razão de ser e é muito válida, principalmente no cenário político em que vivemos, cujo o "para quê" da educação não é mais evidente, posto que "a importância da educação em relação à realidade muda historicamente" (ADORNO, 1995, p. 144) Contudo, é preciso passarmos adiante, e aprofundarmos um pouco mais no assunto. Começamos por elucidar que as duas perguntas supracitadas, na verdade, fazem parte de uma mesma questão: - pois ser professor de filosofia significa se apropriar da disciplina almejando transformações reais na sociedade. Ao mesmo tempo, a transformação social requer do ensino de filosofia a força do pensamento transformador, dessa maneira, uma verdadeira reflexão filosófica sempre articula teoria e práxis.

No geral, durante uma formação acadêmica - a qual tende a se vincular à tradição, à norma padrão (que no Brasil é colonial e colonizadora) - as pessoas formadas bem como as formadas não são instigadas a pensar, projetar e agir em virtude de uma realidade mais diversa, mais acessível e menos desigual. Seguir a lógica hegemônica é sempre mais lucrativo, mais rápido, menos caros e oneroso aos orçamentos, mais cômodo... para quem? Quando falamos de desigualdade aqui queremos fazer um destaque: uma sociedade com desigualdades não é o mesmo que uma sociedade com diferenças.

A tradição filosófica - de Parmênides aos filósofos contemporâneos - têm no conceito de identidade a principal base de sustentação do discurso filosófico: seja para confirmar, reforçar, atualizar, criticar ou negar, a identidade é a base do pensamento ocidental

3. Como exemplo, citamos o tema do encontro da Anpof do ano de 2020: Filosofia para quê? A importância do pensamento filosófico para reflexões atuais. A obra foi organizada por Monnique Greice Malta Cardoso (PPGE/UFES) e Sabrina Paradizzo Senna (PPGFIL/UFG) e conta com 11 capítulos e 13 autores.

importado e forjado como princípio fundante e constituinte de todo o pensamento humano. Neste sentido, a identidade é aquilo que torna o ser o que ele é, aquilo sem o qual ele não seria senão um simulacro, uma ideia fraca, uma criatura imperfeita, ou - como diria Sartre - um nada, um projeto. Este princípio da identidade, na modernidade (com Michel de Montaigne, René Descartes, David Hume e Immanuel Kant, por exemplo) transforma o indivíduo - sujeito e objeto da identidade na modernidade - em um forjador de "igualdades". A grande questão na Filosofia, de uma forma ou de outra, passa pela pergunta: o que tem de igual em tudo e em todos? O problema não é a formulação desta pergunta. O problema é achar que a resposta para ela - seja qual resposta for - possa servir de métrica universal e coercitiva. Neste sentido, Sartre não passa frio, pois está coberto de razão: até mesmo a filosofia mais metafísica parte de uma determinada visão política do mundo e das relações.

O produto complementar e efeito colateral da busca obcecada e ilusória pelo igual faz dilatar tudo aquilo - e todas aquelas subjetividades - que não performa igualmente ao modelo identitário-normativo-igualitário. A busca pela igualdade faz com que aqueles muito diferentes sejam vistos como desiguais. Falamos de certa intensidade nas diferenças porquê de partida, o que queremos dizer aqui é que a diferença talvez seja a única constância que existe entre tudo e entre todos. E aqueles menos diferentes entre si, dado o poder político que concentram, decidem a narrativa hegemônica de quem faz parte dos "iguais" e quem faz parte dos "diferentes", ao passo que os iguais estão obviamente mais próximo de certo modelo de perfeição (segundo a métrica do próprio grupo avaliador) enquanto os "Outros" (categoria que a filósofa Simone de Beauvoir muito bem apresenta como denunciante das disparidades de gênero, em seu livro "O segundo sexo, volume 1"), esses outros são tão diferentes que são equivalentes à imperfeição, à carência, à disfunção, à improdutividade.

A desigualdade social não tem legitimidade na diferença existencial ou - se preferimos - ontológica do ser. Ela é um artifício antes de tudo político, que busca acabar com as diferenças em nome de um padrão norteador. Só tem um detalhe - que aqui é central: abaixo dos trópicos não só é possível pensar (apesar da recusa categórica do europeu Immanuel Kant), como nosso pensamento vai muito mais além e mais profundo do

que a reflexão. Aqui, promovemos fricções, encontros, atritos, encruzadas, pois aqui, como anunciou o artista uruguaio Joaquim Torres Garcias, nosso "Norte" é o "Sul". E nessa lógica de inversões, diríamos mais: nosso "Sul" é o "Nordeste".

E neste horizonte reflexivo-friccional sobre o princípio abstrato da identidade que funda a prática política da desigualdade, trazemos mais uma referência importantíssima na construção da experiência objeto deste relato, portanto: do ensino de filosofia através de projetos sociais e culturais. Trazemos aqui a travesti educadora, cearense, doutora e professora universitária Luma de Andrade, que em sua tese intitulada *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa* traz o problema da identidade para deslocá-lo da tradição normativa e colocá-lo em disputa no mundo contemporâneo com as existências que se entendem e se fazem em trânsito:

Ao passo que vemos a identidade se transformar em um caleidoscópio ambulante, em uma metamorfose constante, percebemos que o canto dos pássaros ainda não assume a liberdade que merece, as fronteiras já não são as mesmas, as gaiolas, os viveiros e os zoológicos já possuem buracos, as portas estão quebradas, os pássaros podem improvisar o canto, mas as baladeiras estão lá, estivadas, inibindo o direito de voar. No entanto, apesar das brincadeiras, das ameaças, dos retrocessos, dos fundamentalismos, as mulheres brincam com as várias possibilidades de serem mulheres (incluindo o direito a ser lésbica), os homens brincam com as várias possibilidades de serem homens (incluindo o direito de ser gay), as transsexuais brincam com as várias possibilidades de serem trans (incluindo o direito de ser heterossexual ou lésbica), as travestis brincam com as várias possibilidades de serem travestis (incluindo o direito de ser tudo em termos de sexualidade. (ANDRADE, 2012, p.89)

Luma coloca o conceito da identidade para jogo e tudo aquilo sustentado pelo espírito de seriedade e fixação do mesmo, do idêntico, do igual cai numa rasteira brincante do trânsito que é voar pelas inúmeras possibilidades do existir, do desejar, do fazer. Aqui, existir torna-se um processo criativo, fazer-se é, ao mesmo tempo, um ato existencial, político e estético. É por isso que neste relato partimos de um lugar da mistura, um lugar mestiço: não se trata de relatar sobre uma aula dos temas tradicionais da filosofia de modo

diferenciado. Trata-se de inculir na própria Filosofia a função de reflexão e fricção sobre si e sobre o que lhe rodeia (como as outras disciplinas, as outras profissões, as linguagens e técnicas artísticas, os corpos e as *corpas* que se movimentam, que voam e com isso movimentam o mundo e tornam-se referência para outros voos, outras voadoras - qualquer alusão ao golpe de capoeira não é mera coincidência). A professora cearense, em sua pesquisa, não faz o encontro estético e político entre pessoas trans e pessoas com deficiência - nem nós teremos condições de desenvolver este vasto e rico ponto de toque. Mas queremos deixar registrado uma outra presença importante para falar sobre uma educação que combata a reprodução das desigualdades e que construa outros mundos possíveis através das encruzilhadas que a abertura para o diferente permite: estamos falando da travesti, negra, gorda, pedagoga e professora universitária Leticia Nascimento, que diz o seguinte, em seu livro *Transfeminismo*:

Não podemos esquecer de destacar trabalhos preciosos como os de Audre Lorde, [...] Angela Davis, entre outras, que, em suas análises contribuíram para o avanço teórico e político do feminismo, rompendo com a hegemonia da mulher cis, heterossexual, branca, de classe média, magra e sem deficiências. Os diversos olhares feministas passaram a evidenciar que as questões de gênero, raça, etnia, classe, sexualidade, orientação sexual e nacionalidade têm impacto nas opressões vividas por mulheres. Os discursos interseccionais passam a repercutir ainda na segunda onda do feminismo, ganhando notável valor na terceira onda. Na atualidade, a interseccionalidade constitui uma categoria fundamental para se entender as experiências femininas de modo ainda mais plural, em que formas de opressões se interceptam. (NASCIMENTO, 2021, p.35)

Leticia traz de forma objetiva e devidamente nomeada aquilo sobre o qual a Luma fala a respeito das infinitas possibilidades de ser e existir em movimento. É a interseccionalidade que possibilita, por exemplo, pensarmos que uma pessoa trans possa ao mesmo tempo ser negra e bissexual, que um homem cisgênero possa ao mesmo tempo ser indígena e pessoa com deficiência física, que uma mulher cis possa ser cigana

e namorar com uma travesti surda. É neste sentido que a escritora, educadora, pessoa com deficiência, de ascendência coreana e ativista pelos direitos das pessoas com deficiência - Mia Mingus - cria o termo *access intimacy*, que podemos traduzir como intimidade de acesso ou intimidade acessibilizadora. Para ela, esta experiência que relaciona acessibilidade e intimidade pode ser vivida não só por pessoas com deficiência, mas também por pessoas negras, racializadas, LGBT+, dentre outras identidades políticas - porque como já indicamos antes: toda identidade é política e nenhuma identidade é pura e simples, posto que cada pessoa é perpassada de várias características que compõem sua subjetividade, tal como a própria autora:

Não sei como ser deficiente sem ser tudo o que sou: uma mulher queer, coreana, transnacional e transracial, adotada, sobrevivente do Caribe, fora do continente americano, sempre em busca de outras pessoas que tiveram que aprender a viver nas margens; que sabem sobreviver da saudade e do riso. Essas identidades e experiências fazem parte umas das outras e pedir a mim - ou a qualquer pessoa - para separá-las não é apenas opressivo, é impossível.

A intimidade acessibilizadora transformou minha vida e transformou meu presente, mesmo que eu não consiga mudar meu passado. É uma das maneiras pelas quais pratico a justiça voltada para pessoas com deficiência na minha vida cotidiana e uma das maneiras pelas quais peço aos outros que façam o mesmo. (MINGUS, 2017, Tradução nossa⁴)

Sem conseguirmos tempo e espaço hábeis para aprofundar uma melhor apresentação deste termo que chamamos aqui de intimidade acessibilizadora, cabe ainda assim destacar a indissociabilidade das muitas facetas de uma identidade na construção de quem é quem. Esta acessibilidade produzida pela intimidade traduz uma experiência civilizatória e revolucionária que pode revolucionar não só a vida das pessoas com deficiência, mas também todos os grupos sociais oprimidos, bem como seus cruzamentos. Acessibilidade, portanto, não é apenas uma categoria

4. Do original: "I don't know how to be disabled without being all of who I am: a queer disabled korean transnational and transracial adoptee woman survivor from the Caribbean non-mainland U.S., always searching for others who have had to learn how to live on the outskirts; who know how to survive off of longing and laughter. These identities and experiences are all part of each other and asking me—or anyone—to separate them is not only oppressive, it's impossible. Access intimacy has transformed my life and transformed my present, even if I can't change my past. It is one of the ways I practice disability justice in my everyday life and one of the ways I ask others to do the same." (Disponível em: <https://leavingevidence.wordpress.com/2017/04/12/access-intimacy-interdependence-and-disability-justice/> - acesso em 29/09/23).

de análise social ou uma plataforma de reorganização das relações. Acessibilidade precisa tornar-se o próprio motor do movimento, tal como bem sintetizou em seu relatório um dos estagiários do Estágio III que vivenciaram o principal projeto apresentado aqui: "Talvez a pergunta que melhor sintetiza o curso [Arte, educação e acessibilidade] seja: como proporcionar uma educação que esteja ao alcance de todos?".

A proposta aqui é entender a acessibilidade tão revolucionária e íntima como a Mia Mingus sugere: a nossa posição parte de um desejo que acessibilidade não é "para" pessoas com deficiência (categoria está inicialmente tão colonizadora quanto todas as outras categorias identitárias, forjada inicialmente pelo poder hegemônico opressor e só depois ressignificada pelos movimentos sociais organizados). Acessibilidade precisa ser um direito e uma realidade para todo mundo (como gestantes, idosos, pessoas com mobilidade reduzida, mas também trabalhadores, visitantes, artistas etc.). Acessibilidade precisa necessariamente ser pensada e promovida COM pessoas com deficiência (PCDs). Mas o resultado deste processo não deve ter como objetivo apenas PCDs: tal como a intimidade acessibilizadora pode ser experienciada por qualquer grupo minoritário atravessado por diversas opressões, assim também deve ser a base existencial e política da discussão sobre a acessibilidade: tudo PARA todas, inclusive para pessoas com deficiência, para pessoas trans, para pessoas queers, para pessoas negras, e daí por diante. Este posicionamento comunga do espírito presente no manifesto-performance da artista multilinguagem Estela Lapponi, em seu Manifesto Anti-Inclusão.

Ser professor - no nosso caso, de Filosofia. Contudo falamos aqui de modo geral, como compromisso político da profissão - não se trata (e nunca deveria ter se tratado) de transmitir conteúdo. Trata-se de compartilhar experiências, de ensinar e de aprender através de uma metodologia ativa que se baseie no acolhimento, na convivência e na partilha. É por isso que mesmo em um curso como este tematizado aqui - o curso "Arte, Educação e Acessibilidade" ofertado pelo Coletivo Transpassando em Parceria com o Coletivo *Kintal de Afetos* - que não se propõe falar diretamente sobre Filosofia (seja ela dentro ou fora da tradição), para nós - arte-educadores com licenciatura em Filosofia - fazemos questão de problematizar nossa prática enquanto profissionais e de propor transformações;

porque, como dizem os personagens da série audiovisual "Cangaço Novo", tudo é política. Filosofia aqui não é ponto de chegada, nem muito menos ponto de partida. Filosofia é um caminho, uma videira, uma estrada, uma trilha uma encruzilhada entre o Eu e o Nós, entre o Mesmo e os Outros, entre o Homem e o Mundo, entre a Tradição e a *Trans-formação*... Ideias essas gerais, com pretensão política de certa igualdade, mas que na prática só servem ao projeto político de dizer quem está de qual lado da trincheira na luta contra as desigualdades sociais.

2. METODOLOGIA

O relato de experiência aqui apresentado e embasado teoricamente com algumas referências históricas e filosóficas busca apresentar uma das muitas ações de formação de docentes promovida pelo Programa de Extensão Transpassando UECE, com o apoio cultural do Coletivo *Kintal de Afetos*. Neste sentido, vale um rápido resgate sobre o contexto político-pedagógico no qual essas ações e projetos se tornam possíveis.

Em 2015, durante a ocupação majoritariamente estudantil ocorrida no Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará - UECE, discursos higienistas, segregadores, racistas e *lgbtfóbicos* começaram a sair dos porões moralistas e ocupar os espaços públicos da universidade. Em resposta a este processo eugênico e excludente, professoras, professores e estudantes principalmente da graduação em Filosofia daquela época começaram a articular alguma ação de impacto no combate aos diversos tipos de opressões e violências que a ocupação havia dilatado e/ou descoberto nas relações sociais dentro e fora do ensino superior. Foi assim que o Coletivo Transpassando - coletivo de combate à transfobia e demais preconceitos - começou a ser gestado, no segundo semestre de 2015 e foi assim que formalizamos a existência do Transpassando como um programa de extensão universitária, desde 2016.

Paralelo a isto, a Filosofia da UECE se organizava para construção de um projeto político-pedagógico atualizado para as disciplinas de estágio. Nessa época - entre 2016 e 2017 - uma comissão ligada ao colegiado do curso foi criada para pensar quais seriam as proposições mais adequadas e nesta comissão havia inclusive representantes discentes, dentre os quais destacamos aqui Mário Castro e Paulo W. A. de

Lima, ambos que atualmente compõem o Fórum de Supervisores de Estágio em Filosofia da UECE, na condição de professores supervisores. Uma das pautas reivindicadas pelos representantes discentes foi que o Estágio III deixasse de ser uma experiência limitada à sala de aula e incorporasse como possibilidade formativa um estágio em projetos de educação não-formal, como é o caso de certos projetos sociais e/ou culturais, como é o caso do Transpassando. Desta feita, o professor voluntário de Filosofia no Transpassando - Paulo W Lima - passou a se disponibilizar como supervisor de estagiários e estagiárias dentro dos projetos do Transpassando UECE.

Uma das primeiras pessoas a fazer estágio supervisionado em Filosofia pelo Transpassando foi justamente uma pessoa trans: Syssa Adley. Ela começou Filosofia pela UECE, mudou para o curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC e concluiu o curso com estágio no projeto Pré-Vestibular do Transpassando UECE. Contudo, só em 2018 foi que tivemos a primeira estagiária do Estágio III em Filosofia pela UECE: a Gleicilene Pereira - mulher cisgênero, trabalhadora autônoma, artesã do tecido, moradora de periferia - que já atuava profissionalmente com costura criativa e concluiu seu estágio realizando o projeto de oficina de costura a mão, com a técnica do fuxico. A oficina chamou-se "Cultura, Trabalho e Filosofia" e foi realizada no dia 4 de outubro de 2018. Esta primeira experiência foi um marco para a prática que se tornou sistemática na recepção e formação de estagiárias e estagiários na área da Licenciatura em Filosofia da UECE. De início, todo semestre oferecíamos uma formação direcionada para a equipe que estivesse estagiando. Esta formação visava ampliar o alcance da visão desta equipe para as demandas sociais que atravessavam a prática dos coletivos envolvidos (Transpassando e Kintal de Afetos): a luta contra a LGBT+fobia, o racismo, o capacitismo, o patriarcado e todos os tipos de opressões e violências desumanizadoras. E para tanto, fazíamos uso de uma metodologia encruzilhada: usávamos conhecimentos filosóficos, dentre outros, e dialogávamos com os conhecimentos de Produção Cultural.

A proposta de culminância do Estágio era exatamente a criação de um projeto cultural /artístico/social que aplicasse como conteúdo conhecimentos filosóficos, mas como metodologia algo dentro do universo da produção cultural, para que as e os estagiárias(os) pudessem compreender que o campo de atuação

para um professor de filosofia pode ser bem maior do que apenas a sala de aula, bem como mesmo na rotina escolar, de sala de aula, é possível propor abordagens diferentes de como trabalhar os conhecimentos filosóficos. Assim, tivemos vários projetos realizados, usando metodologias diversas: desde danças circulares até construção de fanzines, passando inclusive por oficina de teatro etc.

Neste ano de 2023¹, a equipe de estagiários(as) - três rapazes e uma moça: o Ygor Gomes, Carlos Emanuel, Matheus Lopes e Rafaela - nos possibilitou pensar e construir uma nova proposta formativa: todas as quatro pessoas já haviam passado pelo campo da arte, da cultura, da arte-educação, da produção cultural, do marketing ou da produção cultural. E já tinham experimentado a sala de aula através dos Estágios I e II. Neste sentido, esta equipe não precisava passar por uma formação introdutória para ampliar a visão sobre as diversas formas de atuação de um(a) profissional da Filosofia. E assim, avançamos e nos arriscamos na construção de um processo formativo que agora fizesse o movimento inverso-complementar: já que conheciam o que e como era ministrar/mediar Filosofia através de projetos extrassala, agora a meta seria construir uma formação que capacitasse tal equipe de estágio para voltar para sala de aula com o compromisso de promover aulas de filosofia acolhedoras e acessíveis para os públicos diversos.



Figura 1: turma do programa Transpassando em aula de campo.

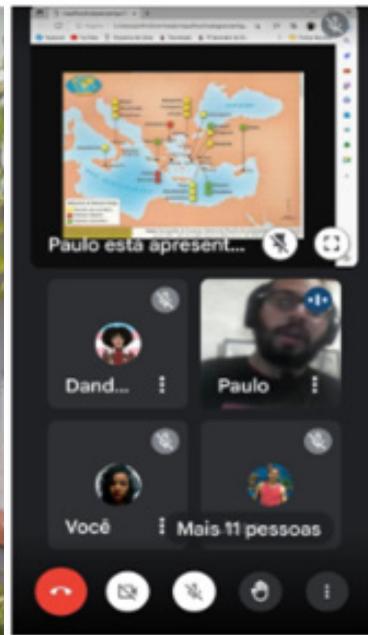


Figura 2: print de aula

Figura 2: print de aula

Este curso ofertado para a equipe de Estágio, mas também para todo o coletivo *Transpassando* e para qualquer pessoa da sociedade que tivesse interesse - curso intitulado "Arte, Educação e Acessibilidade, de 40 horas, em metodologia de encontros híbridos (presencial e/ou *online*, com todo o roteiro da aula, todas as referências utilizadas e todas as atividades ficaram salvas no *Google Sala de Aula*) - contou com a presença de várias pessoas arte-educadoras. Dentre elas, a audiodescritora, tradutora, mulher cisgênero cega e consultora de acessibilidade Lara Lima (que tratou do tema "Referências teóricas e práticas contra o capacitismo e demais opressões", bem como o arte-educador, publicitário, artista visual, homem cis e periférico Elizandro Anjos (que trabalhou o tema "Som, Imagem e Audiovisual na e contra a colonialidade do fazer-mediador criativamente").

Como parte integrante e participativa de todo o acompanhamento do curso, tivemos também a Erika Rocha, que abordou como tema de uma de suas participações "Educação contra o extermínio: o que resta da Educação após Auschwitz?". A este respeito, queremos traçar alguns questionamentos, resgatar algumas memórias históricas e retomar alguns posicionamentos.

Portanto, começamos assim: como a reflexão filosófica atua na educação? Ora, é preciso refletir a partir de um problema, o mesmo deve ser delimitado para então refletirmos de modo filosófico. Assim, consideramos como principal problema da educação a convivência com o diferente em sala de aula (no caso da educação formal) e fora dela (no caso da educação informal ou não-formal). Esse é um assunto tanto educacional como social, ético e político, pois todo o pré-conceito escolar, seja racial, capacitista, de gênero etc.; é reflexo de uma sociedade bárbara. Um dos temas desenvolvidos durante as aulas do curso, ministrado pela arte-educadora Erika Rocha, foi: "educação e acessibilidade como luta contra a barbárie". Neste tema, fundamentamos a discussão com base nos escritos de Theodor W. Adorno. Porém, algo chama atenção: é sabido que Adorno possui alguns escritos sobre educação, como é o caso dos escritos de Educação e Emancipação que contém textos de entrevista radiofônicas além do famoso texto Educação após Auschwitz, mas, como Adorno contribuiria com a pauta da acessibilidade?

Adorno entende que toda educação deve-se voltar contra a repetição de Auschwitz, pois "qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda

a educação". (ADORNO, 1995, p. 119). Auschwitz foi o ponto culminante de um processo em que a própria racionalidade aliada aos princípios da economia burguesa produziram, uma racionalidade que é totalitária, identificadora, técnica e que se preocupa com o lucro e o quantitativo acabou por regredir tudo que é qualitativo, diferente, orgânico... logo: o humano. A barbárie é: "o preconceito delirante, a opressão, o genocídio e a tortura; não deve haver dúvidas quanto a isto [...] é preciso contrapor-se a barbárie principalmente na escola" (ibidem, p. 117). Portanto, quando a acessibilidade na escola não é entendida só como criação de recursos de adaptação para pessoas com deficiência, mas, de fato, ela promove uma cultura que entende, aceita e acolhe as deficiências, as limitações e as pessoas com deficiência como algo que faz parte do ser humano e do cotidiano, ela está lutando contra a barbárie. Contra aquela frieza e indiferença produzida pela lógica dominante.

Sabemos que no decorrer da história as pessoas com deficiência sofreram preconceito, opressão, genocídio e tortura, e notamos que o próprio pensamento filosófico foi participante nisso. O princípio civilizatório de sobrevivência (princípio de adaptação e racionalização) atribuiu ao disforme a incapacidade de sobreviver, mais tarde, as deficiências foram entendidas como castigos divinos, e depois doenças que precisavam ser curadas. Não cabe abordarmos a história da deficiência⁵ mas gostaria de destacar um ponto importante: a Aktion T4 - programa de eutanásia involuntária e o extermínio de pessoas com deficiência; criada pelo nazismo foi influenciada, conforme Barcellos,

pela perfeição conforme a arte grega, o antissemitismo e o mito do sangue puro, fez a visão do belo ser ressignificado [...] O que levou a uma certa classificação e separação entre o povo bonito, limpo e saudável, o ariano e o feio, sujo e com doenças, o não ariano. Assim, a estética, características e condições físicas das pessoas, passaram a ser questões médicas, no qual médicos iam "curando" essas pessoas com a intenção de criar "o novo homem alemão" eliminando os degenerados. Baseado então em elementos da Antiguidade, mas com a intenção de aprimorar futuras gerações, foram uma forma de tentar influenciar e convencer o povo da necessidade e vontade higiênica

do nazismo que pretendia então "limpar", eliminar todos aqueles que não possuíam características desejáveis e agradáveis ao Führer (2021, p. 57).

O programa Aktion T4, começa com a esterilização de pessoas com deficiência (PCDs), por que os estudos científicos da época baseados em um darwinismo social, acreditava que o único fator influenciável era genético, e se pessoas com deficiência fossem esterilizadas, evitaria o nascimento de mais pessoas com deficiências. Porém, com o avanço da segunda guerra, mais pessoas tornaram-se deficientes e em um estado de guerra cujos preceitos éticos e morais foram extinguidos, o nazismo achou por "bem" (sim, ele achava que era um bem) exterminar de forma "humanizada" às pessoas com deficiência (o processo era indolor, então, mesmo que fosse involuntário, eles achavam que era humanizado). O extermínio das PCDs se iniciou antes do extermínio judeu, pois a pauta não era o ódio contra um povo ou uma raça, mas a lógica era da utilidade e do melhoramento genético alemão.

Para Adorno, é absurdo que ideais como esses possam encontrar suporte em princípios racionais e científicos, sendo assim, se a humanidade não for consciente, e se ela não se questionar o tempo todo para onde as novas invenções, tecnológicas e práticas sociais se direcionam, o retrocesso (humano) pode voltar a bater à porta. Pois Auschwitz foi - segundo os principais autores da filosofia contemporânea - o maior retrocesso humano que ocorreu no mundo. Em contrapartida, as ciências, e as tecnologias se desenvolveram desenfreadamente, principalmente, devido a testes em cobaias humanas. Deste modo, fica claro que o que precisamos combater é inerente ao modo da configuração do pensamento ocidental, ela não só indica o ideal corporal, como também diz o modo correto de pensar e se comunicar, e tudo aquilo que é diferente logo é deficiente. O pensamento é identificador e segue a lógica aristotélica do terceiro excluído, a comunicação fica restrita à linguagem conceitual.

O problema é que a razão dominadora não percebe que ela mesma foi constituída socialmente, e atribui a si mesma uma naturalidade e essencialidade

5. Indicamos a leitura da monografia: "A ELIMINAÇÃO DOS INDIGNOS DE VIVER: A EUGENIA DO SÉCULO XX E O PROGRAMA DE EUTANÁSIA NAZISTA" (Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/21169> - acesso em 30/09/23)

que nega os momentos de mediação do real. Para quebrar com tal lógica de pensamento, a arte se faz necessária, devido ao modo de conhecimento que não é a cognição do objeto, [...] o seu médium é a obviedade do incompreensível" (ADORNO, 2017, p.17). A tarefa da filosofia da arte, por exemplo, não é explicar o incompreensível, mas compreender a incompreensibilidade. Eis o momento em que a crítica à filosofia - como reflexão filosófica - tem seu potencial emancipador e anti-bárbaro. O diferente, muitas vezes é incompreensível, porque apresentam outras formas de pensar, de se locomover, de falar, mas isso só significa a necessidade de um esforço maior para compreender o que não se compreende e de se falar além de conceitos ou da própria fala. Tal esforço compete às pessoas sem deficiência.

3. DISCUSSÃO

Com o comprometimento voluntário de uma equipe de profissionais multidisciplinares que passam, mas não se limitam à tradição filosófica, o curso contou com uma rica reflexão crítica e dialogada sobre a necessidade de redesenhar a rota do ensino de Filosofia a partir do Paradigma da diversidade (de gênero, sexualidade, cor, corpo, cognição ou até comunicação). Para tanto, profissionais voluntários(os) da área da arte-educação possibilitaram processos e resultados valiosíssimos para a vida profissional e social de cada pessoa envolvida com esta formação. Desta forma, segue em QR Code o acesso a alguns dos materiais produzidos neste curso por alguns da equipe de estágio.

Figura 3 AD⁶



Figura 4 CAA⁷



Figura 5 LIBRAS⁸



Durante a realização de todo o curso foram mobilizadas inúmeras referências filosóficas e críticas direta ou indiretamente relacionadas com a pauta da educação não excludente. Dentre tais, destacaram-se Aristóteles,

Theodor Adorno, Jean-Paul Sartre, Walter Benjamin, Itxi Guerra, Angela Davis, Frantz Fanon, Lélia Gonzalez e muito mais.

A respeito do curso, é significativo ler o que estudantes da equipe de Estágio colocaram em seu relatório final da disciplina de Estágio III. O estagiário Carlos Emanuel Carvalho Santos - mais conhecido como Kalel - colocou em seu relatório (de divulgação interna), por exemplo, que

A importância do curso, se fez perceptível em diversos momentos. Por exemplo, era recorrente no final de cada aula, tanto aluno quanto professores exporem suas experiências em escolas e no dia a dia, tendo o fato que muitos de nós, já se encontrava trabalhando em escolas em outro período, como no meu caso também, que trabalho em uma escola fundamental dos anos iniciais, da rede pública da cidade. Em minha própria experiência é notável a necessidade de uma acessibilidade para a educação das crianças, muitas vezes, da escola, dos profissionais, do distrito e dos próprios pais, que são contra o laudo dos próprios filhos, e só colocam dificuldades na formação das crianças. (Não publicado)

4. CONCLUSÃO

É notável - através deste curso oferecido gratuitamente, de forma voluntária, por profissionais com qualificações multidisciplinares e comprometimento político com uma educação gratuita e de qualidade para todas as pessoas - que esta formação conseguiu debater sobre temas de extrema importância social como diversidade, acessibilidade, gênero, raça, mundo do trabalho, dentre outros; e também construiu materiais que mobilizam tanto a acessibilidade quanto a crítica social.

Esse tipo de formação de valioso impacto e irrevogável necessidade a curto, médio e longo prazo na prática de profissionais de diversas áreas, principalmente da educação e da arte-educação, buscando com isto uma sociedade menos desigual, com menos preconceitos, com o fim do capacitismo, da LGBTQ+fobia, do feminicídio,

6. Sigla usada para designar um recurso de acessibilidade chamado "Audiodescrição" usado primeiramente e principalmente por pessoas cegas e com deficiência visual.

7. Sigla que significa Comunicação Aumentativa Alternativa e diz respeito a um recurso de acessibilidade utilizado principalmente por pessoas com deficiência intelectual ou mesmo neurodivergentes, como autistas não-verbais.

8. Sigla utilizada para fazer referência à Língua Brasileira de Sinais, criada e utilizada pela comunidade surda do país.

do racismo e de todas as opressões que precisam ser combatidas cotidianamente.

Sempre colocaram para as pessoas divergentes, para aquelas fora da norma, para as minorias que elas deviam se esforçar para "parecerem" normais, só que o padrão de normalidade não tem nada de normal, ele simplesmente foi criado por uma hegemonia dominadora de modo violento e que por coerção social pretende manter-se como padrão. E é por isso que a recusa de aceitar o diferente está encucada na psicologia das pessoas que se consideram normais, do que na cabeça dos que não são vistos assim. Como diz Theodor Adorno, os elementos de regressão não devem ser procurados nas vítimas, mas sim nos agressores, pois é necessário que se reconheça "os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos. É preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos" (ADORNO, 1995, p.120).

Por isso, a educação e a arte-educação são as chaves para tornarem esses mecanismos evidentes. Tudo aquilo que acreditamos como normal, padrão, lógico, racional, funcional; todas as nossas crenças de ideal, de perfeição são construídas socialmente e historicamente. Mantê-las significa não só um pensamento violento, mas também práticas violentas. Por tanto, cabe a nós repensarmos esses valores através da reflexão filosófica com auxílio da arte para uma real transformação no modo de pensar e de construir a realidade, pois como decreta a \itxi Gerra - ativista pelos direitos das pessoas com deficiência, em seu texto "Luta contra o capacitismo" (2021): "A revolução será anticapacitista e acessível ou não será". Essa construção pretende-se e necessita-se humana na mesma medida que também seja animal e vegetal, orgânica, qualitativa... Ela deve deixar de lado a lógica excludente inerente ao pensamento e aos princípios sociais postos. Com esse entendimento e esforço conseguiremos práticas educacionais que realmente transformam o cotidiano que revolucionam em pequena escala, mas que também projetam essas microevoluções para o mundo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T.; DUARTE, R. (trad. e org.). **A arte e as artes e Primeira Introdução à Teoria Estética**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** - São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaira, 2020.
- ANDRADE, Luma de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa [tese]** - Fortaleza-CE: UFC, 2012.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos: volume 1**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022** - Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- BOAL, Augusto. **A Estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli Martins. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais: a Libras em suas mãos. Vol.1: Sinais de A a D**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra** - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GUERRA, Itxi. **Luta contra o capacitismo: anarquismo e capacitismo**: Editora Terras Sem Amos: Brasil, 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**; trad.: Heci Regina Candiani. SP: Boitempo, 2017.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**; trad.: Estela dos Santos Abreu. RJ: Contraponto, 1997.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**; trad.: José Laurênio de Melo. RJ: Civilização Brasileira, 1979.
- JACUPÉ, Kaka Werá. **A terra de mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio** - São Paulo: Peirópolis, 2020.
- KHOAN, Walter. **Paulo Freire, mais que nunca: uma biografia filosófica** - Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- LAING, R. D.; SARTRE, Jean-Paul. **Razão e violência: uma década da filosofia de Sartre (1950-1960)**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LIMA, Paulo Willame Araújo de. **A violência desde o prefácio de Jean-Paul Sartre para Os condenados da terra de Frantz**. [dissertação] - Fortaleza-CE: ICA UFC, 2020.
- LIMA, Paulo Willame Araújo de. **Da possibilidade de uma poesia revolucionária no Orfeu Negro de Jean-Paul Sartre**. Fortaleza: UECE, 2017.
- LIMA, Paulo Willame Araújo de. **Pedagogia da autonomia: projeto Transpassando como experiência da autoridade democrática freiriana**. In. **Anais da XXI Semana Universitária da UECE**. Fortaleza: UECE, 2016.

LIMA, Paulo Willame Araújo de. Cinema, gênero e sociedade: caminho marginal para uma humanidade oceânica. *In: Boletim Juventude 2030*: UNODC, 2018.

LIMA, Paulo Willame Araújo de. Se pardo é papel, o que somos? Negritude e miscigenação no Brasil. *In: ROCHA, Paulo Henrique Borges da. MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. OLIVEIRA, Patrícia Miranda Pereira de Oliveira. Decolonialidade a partir do Brasil*, vol. III. Belo Horizonte; Editora Dialética, 2020.

NASCIMENTO, Letícia Carolina. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SARTRE, J-P. **Situations, II: Qu'est-ce que la littérature?**. Paris: Glallimard, 1948.

SARTRE, J-P. **Crítica de la razón dialéctica**. Tomo II: del grupo a la história. Trad. Manuel Lamana. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1979.

SARTRE, J-P. **Reflexões sobre o racismo**, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

SARTRE, J-P. **Sartre no Brasil**: A conferência de Araraquara. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 2. ed. Bilingue. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SARTRE, J-P. Questão de método. *In: Os pensadores* (coleção). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SILVA, João Paulo Querino da / NYN, Juão. **Tybyra**: uma tragédia indígena brasileira = Tyryrá: ymã mbae wai nhandewa regwa pindó reta-re - São Paulo: Selo do burro, 2020.